

Entre a Inteligência e a Batalha – Iraque

Felipe Alves Teixeira¹, Julia Mariano Zordan², Louise Marie Hurel Silva Dias³,
Thais Gomes Nogueira Espindola⁴

Resumo

O presente artigo busca realizar uma análise da evolução do uso da inteligência nos conflitos ocorridos na segunda metade do século XX e na primeira década do século XXI – mais especificamente na Segunda Guerra Mundial, na Guerra Fria e na Guerra do Iraque. Aqui buscamos traçar tal análise da inteligência na forma do desenvolvimento, verificado ao longo dos citados períodos históricos, da interdependência entre seus aspectos estratégico e investigativo. Trabalhamos aqui com a Guerra do Iraque como sendo um exemplo da importância do uso da inteligência no campo de batalha, na medida em que trata-se de um conflito onde os dois aspectos da inteligência misturaram-se de forma muito evidente. Nesse sentido, utilizamo-nos do estudo de caso da Batalha de Nasiriyah para demonstrar o quanto o uso da inteligência foi fundamental para que o exército americano tivesse informações sobre o exército iraquiano, de forma a permitir montar a tática mais adequada ao campo de batalha. O ocorrido em Nasiriyah foi, assim, vital para o avanço do exército americano em território iraquiano.

Palavras-Chave

Inteligência, Guerra do Iraque, CIA, Nasiriyah

Abstract

This article aims in analyzing genealogically the understanding of intelligence and how this reflects and gives meaning to conflicts that took place on the second half of the twentieth century and the first half of the twenty first century – more specifically the Second World War, the Cold War and the Iraq War. We seek to trace this analysis of intelligence through the development, during the aforementioned historical periods, of the interdependence between its strategic and investigative aspects. We work with the Iraq War as an example of a conflict in which both aspects were very clearly mixed up. In this sense, we use the Battle of Nasiriyah as a case study to show how the use of the intelligence was vital for the American army to have information about the Iraqi army, what consequently allowed them to set up the tactic moves in the battlefield. What happened in Nasiriyah was, then, vital for the American army to advance in Iraqi territory.

Keywords

Intelligence, Iraq War, CIA, Nasiriyah

¹ Graduado em Relações Internacionais pela PUC-Rio.

² Graduada em Relações Internacionais pela PUC-Rio.

³ Graduada em Relações Internacionais pela PUC-Rio.

⁴ Graduada em Relações Internacionais pela PUC-Rio.

Introdução

O papel da inteligência na definição dos conflitos tem aumentado ao longo do tempo, tanto em seu aspecto estratégico, quanto em seu aspecto investigativo. Isso pode ser identificado a partir de uma análise da evolução da inteligência nos conflitos ocorridos na segunda metade do século XX e na primeira década do século XXI. Durante a Segunda Guerra Mundial, o aspecto estratégico preponderou sobre o investigativo. Os campos de batalha demandavam o bom conhecimento do terreno, entorno e rotas para poderem traçar a melhor estratégia com base nesses dados provenientes da inteligência estratégica. O aspecto investigativo, por sua vez, encontrava-se em um grau de desenvolvimento ainda muito baixo. Foi durante esse período - mais especificamente em 1947 - que foi criada a Office of Strategic Services (OSS), precursora da atual Central Intelligence Agency (CIA).

A divisão entre estratégico e investigativo não pode ser claramente traçada, pois uma depende da outra, contudo, o artigo se propõe a analisar o desenvolvimento dessa interdependência, identificando se um se destacou/desenvolveu mais que o outro. Tendo isso em mente, podemos prosseguir a análise, entendendo que houve uma modificação do cenário com o fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria. A ausência de um campo de batalha que abarcasse os então tradicionais domínios da guerra (terra, ar, mar), se evidenciava no jogo político e estratégico da Guerra Fria. Esse jogo frio da deterência através das armas nucleares juntamente com o contexto, abriu um espaço propício para que houvesse um enfoque maior no desenvolvimento de técnicas e aprimoramentos no aspecto investigativo das agências de inteligência. A razão disso é que a provisão de informações era de suma importância para a condução do conflito.

Outra transformação que procuramos evidenciar de forma mais enérgica diz respeito à relação da dinâmica entre algumas variáveis – tendo o núcleo do trabalho o foco na inteligência – que iramos evidenciar através de uma batalha da Guerra do Iraque. Nela, observamos que os dois aspectos da inteligência se misturam, ou seja, há maior interdependência entre o braço investigativo e o estratégico. Sem as informações providas pelo seu Serviço de Inteligência (caráter investigativo), dificilmente as intervenções feitas pelo governo norte-americano seriam em certo ponto precisas, já que foi justamente a partir delas que as decisões relativas à estratégia empregada em tais intervenções foram tomadas.

Dois são os motivos que fazem da Guerra do Iraque um exemplo representativo da importância da inteligência na condução do conflito. Primeiramente, um dos

principais precedentes que conduziu ao conflito foi o processo de identificação, por parte da CIA, de armas de destruição em massa e de centros de produção desse tipo de arma no Iraque. Tendo em mente o 11 de setembro e a subsequente declaração do Bush de uma guerra ao terror, após terem concluído que o país produzia armamentos de destruição em massa, o governo americano se utilizou desse argumento para convencer e angariar o apoio da população de forma a legitimar uma intervenção no Iraque. Além disso, outro fator que explicita a importância da inteligência na guerra é o fato de que um dos momentos cruciais para a conquista do território iraquiano por parte dos americanos, a captura de Saddam Hussein, em 13 de dezembro de 2003, só foi possível por conta das informações levantadas pelos serviços secretos a respeito dos membros do partido Baath, que eram ligados à insurgência.

Durante a Batalha de Nasiriyah, que será objeto do estudo de caso no presente artigo, a inteligência continuou se mostrando importante na medida em que provia informações acerca do escopo do exército iraquiano e, assim, colaborava para a elaboração de táticas mais adequadas a esta operação. Sendo assim, a inteligência se mostrou um fator relevante para a vitória americana nesta batalha específica e, num quadro mais amplo, colaborando para avanços significativos na guerra.

A pesquisa do tema é relevante na medida em que procura explicar o desenvolvimento, presença, e as características da inteligência em diferentes cenários de conflito. O estudo também procura proporcionar uma visão mais capilarizada do papel da inteligência como uma ferramenta extremamente flexível e maleável de acordo com as mudanças no cenário estratégico.

Apesar do tema ser de significativa relevância, não há um grande volume de literatura disponível a seu respeito, pois a área só começou a se desenvolver academicamente ao longo do século XX. Também deve-se levar em consideração que grande parte das informações necessárias para a discussão do tema são, muitas vezes, confidenciais e mantidas em segredo pelo governo. Poucas definições do que é a inteligência são encontradas. Para o brasileiro Marcel de Oliveira, inteligência é "a atividade burocrática regular e sigilosa de obtenção, processamento e difusão de informações de interesse estratégico protegidas por indivíduos, grupos, organizações ou estados estrangeiros, realizada por um órgão público vinculado à Chefia de Estado e dedicado exclusivamente a essa atividade" (OLIVEIRA, 2012, p. 43).

O historiador inglês John Keegan, por exemplo, define inteligência como algo originado, em meio a esforços para obter vantagem militar em relação ao inimigo.

Assim como Oliveira, Keegan coloca que a ficção popularizou uma ideia de "espião" completamente diferente da real, fazendo do profissional que trabalha com inteligência uma espécie de "herói", uma figura glamorosa muito mais importante pelo que é do que pelo que faz profissionalmente. Na verdade, muito do trabalho é burocrático.

Visando entender o processo pelo qual a inteligência é formada, Keegan destaca cinco pontos fundamentais para se levar em consideração. O primeiro deles é a aquisição de informações. Tendo em vista que a maioria das informações importantes não são disponibilizadas publicamente, o processo de aquisição torna-se de fato um dos mais cautelosos e desafiadores. Nesse momento é que se insere o papel do espião/agente do serviço secreto. Ele se coloca como o "man-in-the-middle" para formar a ponte entre a aquisição e a entrega da informação. Dentro da segunda parte do processo a entrega é definida pela transferência da informação captada ao seu potencial usuário. Como é o estágio em que se tem um maior grau de vulnerabilidade, é o mais difícil, pois o tempo entre a aquisição e a entrega irá, por diversas vezes determinar a utilidade, ou não, da informação⁵. O terceiro é o estágio da aceitação das informações. Não basta que elas sejam recolhidas e entregues, as informações e as fontes das quais elas foram obtidas precisam também ser críveis. Mais adiante, faz-se necessária a interpretação detalhada dessas informações, o que introduz o quarto ponto: análise da informação. Através do esforço de profissionais especializados, o quebra-cabeça é montado. É essencial que se consiga conectar as informações obtidas para compreender, de fato, as intenções do inimigo e para a formulação de estratégias eficientes. O quinto - e último - estágio é o da implementação, no qual os profissionais que trabalharam nos quatro primeiros estágios repassam a informação para representantes governamentais para que, assim, o processo de tomada de decisão, ou também chamado de "decision making process", venha a ser respaldado em informações viáveis, críveis e precisas (KEEGAN, 2006).

O objetivo do presente estudo é identificar como os diferentes aspectos da inteligência se manifestam no cenário internacional, e investigar como se dá a evolução do nível de interdependência entre eles ao longo do século XX e na primeira década do século XXI, com a Guerra do Iraque. Para tanto, pretendemos testar a seguinte hipótese: a vitória dos Estados Unidos na Batalha de Nasiriyah não se respalda diretamente sobre o aspecto da inteligência. Sendo assim, trabalharemos com a vitória americana na

⁵ Torna-se quase que um "prazo de validade" da informação.

Batalha de Nasiriyah como variável independente, enquanto que a superioridade americana neste setor seria a possível variável dependente.

O nosso artigo se baseia, em grande parte, em conceitos apresentados no livro "Inteligência na Guerra", de John Keegan. A partir dele, faremos uma análise de cenários históricos - a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria e a Guerra do Iraque - para compreender o papel da inteligência e de seus diferentes aspectos na resolução dos já citados conflitos. Após a análise de tais cenários, faremos o estudo de caso da aplicação da inteligência na Batalha de Nasiriyah com o intuito de verificar se de fato a inteligência foi o fator determinante na vitória americana, fazendo uso do método qualitativo e buscando conduzir nossa análise no nível interno da questão.

O uso da Guerra do Iraque como estudo de caso nos permitiu observar, no pós-Guerra Fria, um grau maior de interdependência entre o aspecto investigativo e estratégico da inteligência. Focamos nos temas de segurança, mais especificamente na antinomia entre a política externa e as informações providenciadas pela inteligência através da espionagem e operações especiais.

A seção a seguir, intitulada "Uma Inteligência Maleável" faz uma análise dos períodos históricos a serem considerados, mudanças ocorridas no papel da inteligência ao longo do período entre 1939 e 2011 e questiona como essas mudanças influenciaram a condução dos conflitos em questão. Na seção seguinte, faremos a análise do estudo de caso, a Batalha de Nasiriyah objetivando compreender se houve um aumento na interdependência entre o aspecto estratégico e investigativo e se esse ponto foi o fator determinante para a vitória americana.

Uma Inteligência Maleável

“A inteligência é a serva, não a amante, do guerreiro”

(KEEGAN, 2006, p.23)

Creemos que a maior tendência no início desse capítulo seja de expor em primeira mão os grandes questionamentos, paradigmas e dúvidas em relação à inteligência. Contudo, de forma a esclarecer e trazer luz sobre o aspecto central, é importantíssimo situar a inteligência dentre os diferentes marcos temporais, visando assim maior entendimento sobre a sua função e aplicabilidade. Por mais que pudéssemos eleger qualquer outra frase para começar esse artigo, a escolhida peculiarmente representa, de forma romantizada e poética, o que procuramos demonstrar com esse estudo, em outras palavras, a inteligência como um meio.

O conceito trabalhado ao longo desse artigo pauta-se na seguinte definição de inteligência:

O termo ‘*intelligence*’ engloba atividades de coleta, análise, e interpretação de informações, assim como o produto dessas atividades, buscando o melhor entendimento a respeito de um objeto ou situação, especialmente, mas não exclusivamente, em seu aspecto militar [...] usando também, esporadicamente, “espionagem”, “informações” e termos correlatos em situações específicas (KEEGAN, 2006, p.11).⁶

Sendo, então, a inteligência um instrumento capaz de englobar tantos aspectos, ele pode ser visto como um mecanismo que envolve apreensão, análise e ação e tem como pilar central a informação. A informação por si só é o elemento catalizador da própria inteligência. Por vezes ouve-se coloquialmente que “quem detém a informação, detém o poder”. Seria esse aspecto o epicentro da questão da busca pela informação, pela inteligência?

A inteligência é essencialmente a arte dos detalhes. O seu funcionamento e sucesso depende, ultimamente, da aquisição, entrega, aceitação, interpretação (de informações) e implementação (ação). Todavia, para que todo esse “sistema” funcione, o dado, por mais ínfimo que seja, pode ser o ponto crucial para a mudança. Tendo em vista que o objetivo da guerra é de atingir a vitória, seja ela através do desgaste ou superioridade em diferentes áreas, a primeira parte do trabalho procura explicar e evidenciar como a inteligência se reflete no âmbito da guerra e como a mesma pode ser um fator extremamente beneficiário para operações bem-sucedidas.

Tanto no período pré quanto no pós-Segunda Guerra Mundial, houve o surgimento massivo de agências de inteligência (operações especiais) de cunho *security service*. Tendo esse ponto em mente, vale destacar a “Security Police” da Gestapo, de 1933 (BROWDER, 1996, p.11), o fim da *Office on Secret Service (OSS)* - o que levou ao surgimento posterior da *Central Intelligence Agency (CIA)* - em 1947 (CIA, S.D.), *Soviet Security and Intelligence Service (KGB)*, em 1954 (ANDREW, 2000), entre outras tais como a *Secret Intelligence Service (SIS)* que já existiam desde 1909. Tais afirmações não descartam de forma alguma a existência prévia de organizações ou grupos focados no âmbito da espionagem. Interessantemente, registros históricos apontam que durante as batalhas Romanas na conquista da Gália, César aplicou a

⁶ Citação encontra-se como nota de rodapé no livro.

“inteligência tática” a seu favor: enviou um grupo de batedores, que seguiam com aproximadamente 30 quilômetros de distância do exército de forma a obter informações sobre o inimigo (formação, território, observações) antes do encontro final (KEEGAN, 2006, p.27).

Dentro do escopo da inteligência e difusão do conhecimento, é necessário destacar dois pontos importantes na aquisição de qualquer tipo de informação. A inteligência humana e a inteligência de sinais⁷ são duas formas pelas quais a informação pode ser obtida, pela “interceptação de comunicações do adversário” e pela a “detecção visual ou de imagens por meio de sensoriamento”.

Olhando, primeiramente, para o período da Segunda Guerra Mundial, vale apresentar a Batalha do Atlântico (1939-1945), especialmente devido ao fato do marco que esta representou para a área de inteligência estratégica em tempos de guerra. O cenário a ser retratado é, primordialmente, do interesse alemão em atingir a linha de suprimentos (recursos naturais e mercadorias em geral) britânicos e paralisar o sistema de comunicações entre os Estados Unidos e a Inglaterra de forma a inviabilizar os seus esforços de guerra, gerando inevitavelmente o enfraquecimento. Utilizando os chamados *U-Boote*⁸, os alemães, mesmo que em inferioridade numérica, foram capazes de derrubar toneladas de navios através da *Rudeltaktik*, também denominada de tática de alcateia⁹ coordenada com o uso do rádio e códigos. A tática implementada foi bem sucedida também devido a dificuldade da inteligência inglesa em decifrar o código *Triton de Kriegsmarine* alemão (MASSON, 2010, 184-186). A incerteza sobre a posição dos submarinos alemães persistiu até meados de 1943. Vale ressaltar o ponto levantado por Philippe Masson (2010):

Vários fatores estão na origem dessa virada espetacular. De início, o aumento constante dos meios aliados [...] porta-aviões de escolta, integrados em grupos de caça que asseguram a proteção afastada dos comboios [...] morteiros, bombas e granadas com forte capacidade explosiva –, assim como toda a gama de aparelhos de detecção na superfície [...] que permite o ataque noturno de um *U-Boote* surpreendido na superfície (KEEGAN, 2006).

⁷ Denominada por Keegan como sendo *humint* (*human intelligence*) e *sigint* (*sign intelligence*), ou seja, inteligência humana e inteligência por sinais.

⁸ Utilizados e desenvolvidos previamente em meados de 1917 (Fim da Primeira Guerra Mundial), porém pouco atualizados desde então.

⁹ Devido a limitação da capacidade de submerção dos *U-Boote*, a estratégia era de fazer ataques noturnos na superfície, dificultando a detecção por sonares dos navios ingleses.

No início de 1941, os ingleses conseguiram quebrar o código, mas logo em seguida o serviço observatório alemão *B-dienst* conseguiu fazer o mesmo (KEEGAN, 2006, p.388-389). Dentro dessas medidas e contrapartidas, o diferencial estava em conseguir manobrar de forma mais eficaz os seus esforços e grande massa de recursos (MASSON, 2010, p.186).

Contrastando com a Segunda Guerra Mundial, o contexto da Guerra Fria foi o momento em que a inteligência torna-se mais robusta e institucionalizada. As antigas agências de inteligência cresciam cada vez mais e “transformam-se em imensas burocracias”. A batalha, neste caso, deu-se por “debaixo dos panos” e o soldado era o espião e o campo era formado pela coleta de informação secreta, ou seja, toda e qualquer informação que fosse útil para o adversário e pudesse ser adquirida por meios acobertados, “clandestinos”. Assim enquadra-se o caso dos espiões de Cambridge. Donald Maclean, Guy Burgess, Kim Philby, Anthony Blunt e John Cairncross¹⁰. Por mais que esse caso tenha se passado no final e pós Segunda Guerra Mundial, ele nos ajuda a compreender a fragilidade e meticulosidade requerida nas operações de inteligência e pré-anuncia um aprofundamento desse *modus operandi* no contexto da Guerra Fria. Todos ocupavam cargos que forneciam algum tipo de acesso a informações importantes do governo britânico e todos se “renderam” em algum ponto de suas carreiras ao trabalho de espionagem soviético. Donald Maclean, por exemplo, vice-secretário da Comissão Anglo-Americana de Desenvolvimento Nuclear, é mencionado como um dos responsáveis pelo vazamento de informações sobre a construção da bomba nuclear (KEEGAN, 2006, p.399). Dentro dessa visão e conjuntura, a guerra secreta nos leva a questionar se a inteligência seria a melhor ferramenta para a provisão de segurança.

Afinal, o que torna a inteligência um elemento tão importante? Por mais que a Batalha do Atlântico e o caso dos Espiões de Cambridge apresentem dois escopos diferentes e mais isolados do papel da inteligência, ambos convergem no que se trata da obtenção da informação. A inteligência é a capacidade de obter informações críveis em tempo real (ou no menor tempo possível) e implementá-las de forma a atingir o seu inimigo antes que o próprio seja capaz de responder a tempo.

¹⁰ Para maiores detalhes sobre o papel de cada integrante ver KEEGAN, John.; Inteligência na Guerra: Conhecimento do Inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 397.

Lembrando que o objetivo é de, justamente, constatar que dentro dessa equação onde leva-se em consideração componentes como a capacidade bélica, o desenvolvimento tecnológico, a cadeia de comunicação e o preparo de pessoas qualificadas e “confiáveis”, a inteligência em si detêm uma função formidável, contudo, secundária¹¹. Ao longo da história, mais precisamente no decorrer da Segunda Guerra Mundial e da Guerra Fria, as ditas variáveis podem ter mudado. Os embates entre Estados entraram em declínio no período pós-Guerra Fria, dando espaço para o surgimento de novos atores e novas modalidades de combate, seja em termos táticos ou estratégicos. O “jogo de espionagem” consequentemente enraizou-se cada vez mais e assim foi tomando papéis cada vez mais importantes. Na próxima sessão do trabalho entraremos mais a fundo na inserção e manifestação da inteligência no período pós-Guerra Fria.

Iraque e a Batalha de Nasiriyah

A Guerra Fria simbolizou o ápice do investimento nas agências de serviço secreto. O sentido de segurança se respaldava, em grande parte, na conquista de informações pertinentes e sigilosas tanto para o pólo americano quanto para o pólo soviético. Entretanto, depois da guerra, foi-se acomodando um “sentimento de estabilidade” por parte da inteligência norte americana.

Próximo à sede da CIA, aproximadamente 7h50 da manhã, esperando o sinal abrir, Nicholas Starr (funcionário da CIA) foi surpreendido quando um cidadão paquistanês sai de seu carro com uma AK-47 e começa a disparar em diversos outros membros da agência que estavam na mesma situação que ele. Entre poucos, Nick foi o sobrevivente capaz de chegar à tempo na sede e ativar o alarme (WEINER, 2008). Essa cena serve como uma perfeita ilustração do que estaria por vir nesse “novo tempo” na área da inteligência. Em um hiato inesperado e curto, ou seja, em 1993, a CIA é convocada a acordar para um problema maior e agora muito mais encoberto, o terrorismo¹².

No mesmo ano, quando George H. W. Bush dirigiu-se para o Kuwait de forma a

¹¹ “A questão de quem sabe o que em tempo suficiente para que a informação seja útil” (KEEGAN, 2006, p.37).

¹² Não necessariamente expressando que a mesma não estivesse ciente da questão terrorista, mas que houve uma certa negligência, se é que podemos dizer, de algumas informações que acabaram custando muito caro para o governo Americano.

comemorar a Guerra do Golfo, planejaram assassinar o presidente com um carro bomba. Nesse momento, a inteligência serviu como um instrumento revelador do quadro, tanto governamental, quanto “clandestino”, de operações iraquianas. Até porque a bomba a ser utilizada neste atentado era de fabricação iraquiana (WEINER, 2008, p. 487). A partir deste ponto, houve uma mobilização de outras agências americanas de inteligência visando maior compreensão do caso no qual não se enquadrava no panorama de informações até então obtido.

A única peça do quebra-cabeça que parecia não se encaixar eram os próprios suspeitos. Eles eram na maioria contrabandistas de uísque, traficantes de haxixe e veteranos com traumas de guerra. Mas a CIA acabou concluindo de que Saddam Hussein tentara matar o presidente Bush (WEINER, 2008, p.488).

O uso da inteligência na guerra do Iraque, seja ela na forma de estratégia ou investigação, se mostrou muito amplo desde seu princípio. A ofensiva dos aliados encontrava pouca resistência no território iraquiano, avançando em ritmo acelerado em direção aos pontos onde as informações apontavam encontrar-se a produção de armas de destruição em massa e a capital Bagdá. Apesar das estradas precárias e das tempestades de poeira, chamadas *shamal*, os avanços se detinham nos pontos de conflito e na tomada de cidades estratégicas no território.

De acordo com Keegan, em seu livro "The Iraq War", as ofensivas iniciais do exército ocidental não se igualavam ao exército iraquiano comandado por Saddam em número. Diferenciados pelo treinamento e pela superioridade de seu armamento, o exército liderado por Estados Unidos e Inglaterra, embora consideravelmente menor esperava uma vitória rápida em qualquer conflito. Porém, durante o avanço do curso da guerra, os conflitos se mostraram raros. O exército iraquiano não somente se desfazia, mas parecia evaporar do campo de batalha. Deixando para trás fardas, armamentos e veículos, as evidências de uma derrota cobriam a paisagem mas não havia sinal de colunas de prisioneiros rendidos, não havia oficiais oferecendo cooperação em troca da rendição (KEEGAN, 2005). A guerra havia acabado mas era como se o exército de Saddam jamais houvesse existido.

A inteligência americana, entretanto, havia coletado diversas informações de que o exército estava realmente presente momentos antes do conflito e havia montado mapas detalhados para lidar com as situações e ordenar as tropas. Sem resistência, as tropas ocidentais avançaram, montando colunas de suprimentos que abasteceriam a tomada da capital Bagdá. Porém, as estradas precárias que garantiam o avanço



constante pelo território traiçoeiro convergiam em diversos pontos em cidades, locais onde o inimigo constantemente possuía a vantagem de conhecer o território ao montar emboscadas. Um desses pontos foi a cidade de Nasiriyah, sobre o rio Eufrates, montada sobre uma ilha com diversas pontes, conectada à estrada de Basra à Bagdá. Nasiriyah, portanto, era um ponto estratégico e deveria ser tomado (KEEGAN, 2005).

Além disso, o autor explica como a coleta e uso de informações se dá em meio a guerra. Em seus exemplos, cita a invasão de Nasiriyah e como o uso de inteligência na batalha pela sua tomada começou no conflito anterior, em Basra. A cadeia de eventos se deu dessa forma como resposta a fatos que levaram ao sucesso da guerra. Fatos esses descobertos pela inteligência investigativa e otimizados em batalha pela inteligência estratégica. Assim, segundo o autor, o uso de inteligência se mostra como uma ferramenta maleável de aplicação que conduz à vitória em conflitos, tendo seu uso se expandido com o fim da Segunda Guerra Mundial.

Outra importante menção trazida por Keegan é que, de acordo com a inteligência americana, parte da tropa iraquiana defendendo a cidade já havia desertado. Basra era geograficamente importante para os interesses britânicos na região e se mostrava um obstáculo para as linhas de suprimento americanas que precisavam avançar mais rapidamente a capital.

Estima-se que a deserção iraquiana tenha acontecido em duas ondas. A primeira ocorreu por medo de um suposto ataque aéreo das tropas aliadas que poderia ou não ter se concretizado. A segunda onda, mais numerosa, ocorreu quando os iraquianos ouviram o som dos tanques americanos se aproximando. Essas informações eram coletadas pela inteligência americana, que se aproximou do comando das divisões iraquianas presentes em Basra. Assim, as tropas americanas e britânicas enfrentaram um contingente consideravelmente menor do que o esperado, a medida que os soldados inimigos debandavam e sumiam do campo de batalha deixando seus antigos equipamentos militares como evidência (KEEGAN, 2005).

Em outro movimento apoiado pela inteligência estratégica, as tropas americanas realizaram uma finta. Aproximaram-se, junto com os britânicos, da minguante tropa iraquiana, mas seguiram em direção a Nasiriyah enquanto os britânicos asseguravam seu poder na península de Fao, onde Basra estava posicionada. Esse movimento garantiu máxima deserção das tropas iraquianas em Basra e impediu que elas bloqueassem o avanço. Com perdas mínimas e avançando em ritmo rápido, os americanos chegaram a Nasiriyah sem dificuldades (KEEGAN, 2005).



A cidade, coberta de casas de barro de um ou dois andares e acessível somente por pontes, era um possível matadouro para quem não conhecesse o terreno. Conscientes da possibilidade de armadilhas, as divisões americanas destacadas para a tomada da cidade se viram obrigadas a avançar juntas. Nesse interim, uma fileira de caminhões se perdeu em meio a uma *Shamal* e adentrou a cidade antes do previsto. Com pouca visibilidade devido à poeira e em território inimigo, o comboio foi tomado, deixando treze mortos e seis capturados, entre eles Jessica Lynch, que seria mais tarde usada pelo exército americano (KEEGAN, 2005).

O resgate levou a divisão a entrar em conflito muito antes do previsto, tornando a formação das linhas de suprimento mais complexa e letal do que o esperado. Enquanto os ataques frontais em território desconhecido se mostrava ineficaz, o ataque aéreo provocou diversas mortes por fogo-amigo. Assim, a tomada de Nasiriyah se tornou um exemplo da necessidade da inteligência em pleno campo de batalha. E assim, à medida em que os americanos mostravam sua presença na cidade, moradores locais anti-Saddam auxiliaram os americanos quanto à inteligência local que tanto precisavam. Somente dessa forma as tropas ocidentais puderam encontrar com sucesso os focos de resistência e fontes de abastecimento inimigos, impedindo que a batalha se tornasse um gargalo logístico que atrapalharia a tomada de Bagdá (KEEGAN, 2005).

O uso da inteligência por parte do exército americano se torna mais claro quando a soldado Jessica Lynch fora somente encontrada no momento em que um iraquiano local descobrira que os inimigos a mantinham em um hospital de guerra, e ele mesmo averiguou a quantidade e qualidade da presença inimiga. Com essa informação, os americanos resgataram com sucesso a soldado, que foi então usada como imagem de heroína sobrevivente para aumentar o apoio à guerra do Iraque entre a população americana, parte importante na manutenção dos investimentos no conflito (KEEGAN, 2005).

Nesse sentido, aplicando os eventos trabalhados por Keegan, como as deserções inimigas, as estradas para apoio logístico ao ataque de Bagdá, o avanço britânico a Basra, o reconhecimento do terreno e a espionagem por membros locais anti-Saddam, é possível chegar à conclusão que a inteligência em seus dois aspectos principais trabalhados foi de fato a ferramenta principal na vitória em Nasiriyah e uma ferramenta indispensável em conflitos contemporâneos.

Interessantemente, ao refletir sobre a batalha e o marco que a inteligência, neste caso, americana sofreu, é possível observar que de fato a inteligência não possui um

papel decisivo na conquista da vitória. A questão iraquiana não se resolveu até o ponto na qual foi transposta para o âmbito ativo, aonde as ações e a prática decidem o desenrolar do choque.

Conclusão

“Uma guerra sempre se decide numa luta, e no combate a força de vontade sempre vale mais do que o conhecimento antecipado. Quem discordar, que demonstre o contrário.”

(KEEGAN, 2006, p.46)

A inteligência tem se mostrado cada vez mais um fator altamente relevante na decisão dos conflitos. Isso ocorre por conta da crescente interdependência entre os aspectos estratégico e investigativo, o que pode ser constatado através da análise do desenvolvimento da inteligência nas guerras ocorridas ao longo do século XX. Este fenômeno culmina, já no século XXI, na Guerra do Iraque e, mais especificamente, quando se analisa o ocorrido na batalha de Nasiriyah. Nela, a importância da inteligência deu-se no sentido de que, apesar de estar em menor número e operando em uma geografia diferente do habitual, a partir da coleta de dados pela inteligência americana e das informações providas pelos próprios moradores locais, o exército americano tomou a cidade de Nasiriyah, um ponto estratégico iraquiano. É importante notar, no entanto, que a inteligência por si só não foi decisiva na vitória americana. A questão só foi de fato resolvida com a transposição das informações obtidas pela inteligência para o campo de batalha. Fica bastante claro, portanto, que na Batalha de Nasiriyah a vitória americana é o resultado da interdependência entre os aspectos estratégico e investigativo da inteligência.

Além desta batalha, a alta relevância das ações das agências de inteligência relativas à Guerra do Iraque se fez presente no período prévio ao conflito. A CIA desenvolveu um processo de identificação de armas de destruição em massa, as chamadas Armas de Destruição em Massa (ADMs) e, como resultado desse processo, verificou-se a produção de tais armas em território iraquiano. O argumento de que essas armas representavam uma grande ameaça à segurança norte-americana foi amplamente usado pelo governo como justificativa pela qual seria necessário declarar guerra ao Iraque. Além disso, foi também através de informações obtidas pela inteligência que se conseguiu capturar o líder iraquiano, Saddam Hussein.

No tocante à Segunda Guerra Mundial, por mais que, à primeira vista, a Batalha do Atlântico pareça um grande componente favorecedor da inteligência como elemento constante fundamental para a vitória, esse ponto de vista pode ser contestado e o poder de argumento é concedido a outros elementos como a tecnologia, as *capabilities*, etc. Neste caso, a inteligência foi a peça-chave para a mudança do vencedor. Contudo, isso não representa que essa mudança será necessariamente função da inteligência em momentos de conflito como este. Na Batalha do Atlântico, a obtenção de informações foi fundamental no sentido de que possibilitou que se atingisse o inimigo antes de ele ser capaz de preparar-se para responder ao ataque sofrido.

Com a mudança no cenário observada com a Guerra Fria, há também uma mudança no contexto em que a inteligência se desenvolve. Como não há campos de batalha – e uma das razões para tanto é a questão da *detén*te de armas nucleares – o aspecto investigativo torna-se preponderante em relação ao estratégico e, com isso, as informações coletadas pelos serviços de inteligência a respeito do desenvolvimento de políticas no bloco rival tornam-se cada vez mais valiosas. Assim como o caso da Batalha do Atlântico, o caso dos Espiões de Cambridge demonstra a importância da aquisição - e da proteção – das informações no decorrer do conflito.

Desde o ano de 2004, apenas um ano após o início do conflito no Iraque, a inteligência americana vem demonstrando uma tendência de maior foco na questão da prevenção do terrorismo. A principal mudança se dá em relação ao objeto do qual a inteligência busca se precaver. Hoje não se procura mais precaver-se somente contra Estados, mas também contra grupos. A razão primordial para tal preocupação e alteração é, sem dúvidas, o ataque terrorista sofrido pelos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001, quando a rede terrorista Al-Qaeda sequestrou dois aviões e os chocou contra as duas torres do World Trade Center em Nova York. A partir de então, os esforços em evitar que tal tipo de ataque se repita têm sido bastante significativos e efetivos. Um exemplo da efetividade do monitoramento das ameaças de terrorismo é o ocorrido no dia 2 de maio de 2010, quando a polícia nova-iorquina desarmou uma bomba dentro de um carro estacionado na Times Square, também em Nova York.

Com o aumento do monitoramento das atividades suspeitas, surgem duas questões bastante relevantes. A primeira é referente à legitimidade e aos limites da invasão da privacidade das pessoas pelas agências de inteligência – por meio de quebras de sigilo telefônico, por exemplo – em prol da segurança de Estado. A segunda questão diz respeito à importância da proteção de dados sigilosos por parte dos Estados. Casos

como o Wikileaks ou, mais recentemente, o vazamento de informações sobre programas de vigilância de comunicações do governo americano pelo ex-funcionário da CIA Edward Snowden, trazem à tona tais questionamentos, que abrem espaço para o desenvolvimento de estudos paralelos ao presente.

Finalmente, podemos sugerir, além desses temas de extensão dos estudos sobre inteligência, a realização de estudos acerca do desenvolvimento e da relevância da inteligência em diferentes recortes temporais, como a antiguidade – onde, como vimos no capítulo 1 deste estudo, já era adotada por César nas batalhas Romanas – ou como as próprias Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, pois, devido ao alto grau de relevância e complexidade do tema, que merece, portanto, ser aprofundado pela Disciplina.

Referências

ANDREW, Christopher. **The Sword and the Shield: The Mitrokhin Archive and the Secret History of the KGB**. New York: Basic Books, 1999.

BROWDER, George C. **Hitler's Enforcers: The Gestapo and the SS Security Service in the Nazi Revolution**. New York: Oxford University Press, 1996.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). History of the CIA. Langley, S.D. **Central Intelligence Agency (CIA) website**. S.D. Disponível em: < <https://www.cia.gov/about-cia/history-of-the-cia>>. Acesso em: 27 jun. 2013.

DE OLIVEIRA, Marcel. As Teorias Das Relações Internacionais e a Inteligência de Estado. **Revista Brasileira de Inteligência**, Brasília, n. 7, Abin, 2005.

KEEGAN, John. **Inteligência na Guerra: Conhecimento do Inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KEEGAN, John. **The Iraq War**. New York: Vintage Books, 2005.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial: História e Estratégias**. São Paulo: Contexto, 2010.

WEINER, Tim. **Legado de Cinzas: História da CIA**. Rio de Janeiro: Record, 2008.